

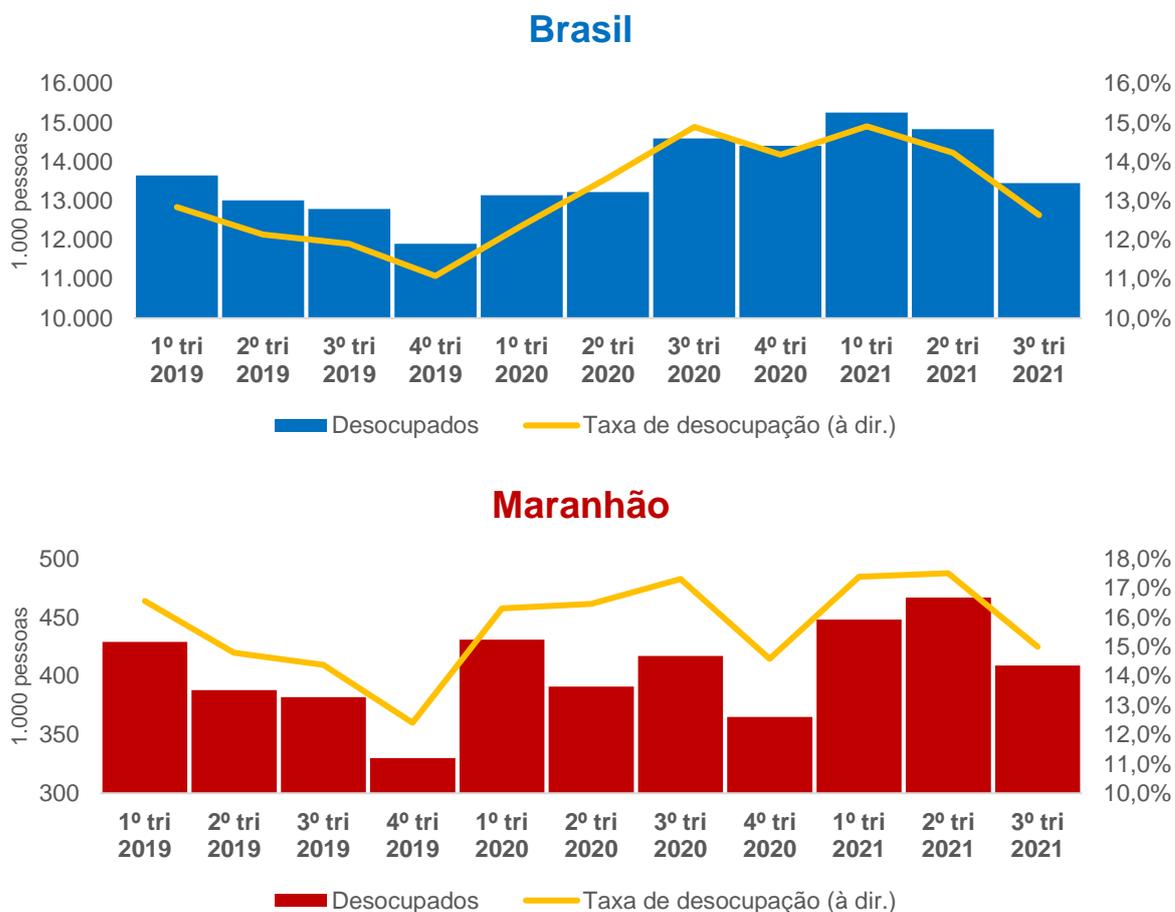
PRECARIZAÇÃO E SUBUTILIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO NO BRASIL E NO MARANHÃO EM 2020 E 2021

Nesta edição do Boletim Periódico do Observatório Social e do Trabalho, realiza-se uma avaliação da evolução recente dos indicadores de Subutilização da Força de Trabalho no Brasil e no Maranhão, com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNADc/IBGE, que acompanha as flutuações trimestrais da Força de Trabalho. Conforme IBGE (2021), o conceito tem como objetivo fornecer a melhor estimativa possível da demanda por trabalho, identificados em três componentes mutuamente exclusivos: 1) Desocupados; 2) Força de Trabalho Potencial e 3) Subocupados.

Os dados, referentes ao terceiro trimestre de 2021, sobre o mercado de trabalho brasileiro, exibiram uma alta no nível da ocupação e um recuo na taxa de desocupação diante da evolução favorável no contexto sanitário, até então. Este resultado era previsto. Depois do impacto sofrido no ano de 2020, o mercado de trabalho tenderia a passar por uma retomada em virtude da maior dinâmica produtiva atrelada ao arrefecimento no número de casos de Covid-19. Todavia, a pandemia gerou intensos desafios de superação das condições vigentes de um mercado de trabalho fragilizado pelo desempenho econômico nos anos posteriores à recessão bienal de 2015 e 2016. Assim, o patamar dos indicadores de subutilização da força de trabalho, apesar da melhora recente, permanece bastante significativo.

Conforme **Gráfico 1**, no terceiro trimestre de 2021, a taxa de desocupação do Brasil recuou para o patamar de 12,6% da força de trabalho. A redução na taxa foi de 1,6 ponto percentual em relação ao trimestre encerrado em junho, quando fora estimada em 14,2%. Em termos absolutos, o número de pessoas a procura de trabalho declinou para 13,4 milhões de pessoas, sendo este o menor contingente desde o segundo trimestre de 2020. A série exhibe a evolução da taxa de desocupação e do contingente de desocupados desde o início de 2019, permitindo apontar trajetórias do desemprego análogas entre o Brasil e o Maranhão no ano pré-pandemia, os efeitos imediatos do momento mais intenso da crise sanitária e o período recente. Em 2021, os parâmetros exibem trajetória sensível ao avanço da vacinação. A alta da ocupação refletiu-se na queda da desocupação e do grupo à margem da força de trabalho. Contudo, os indicadores recentes ainda são inferiores do que os verificados antes da crise da Covid-19.

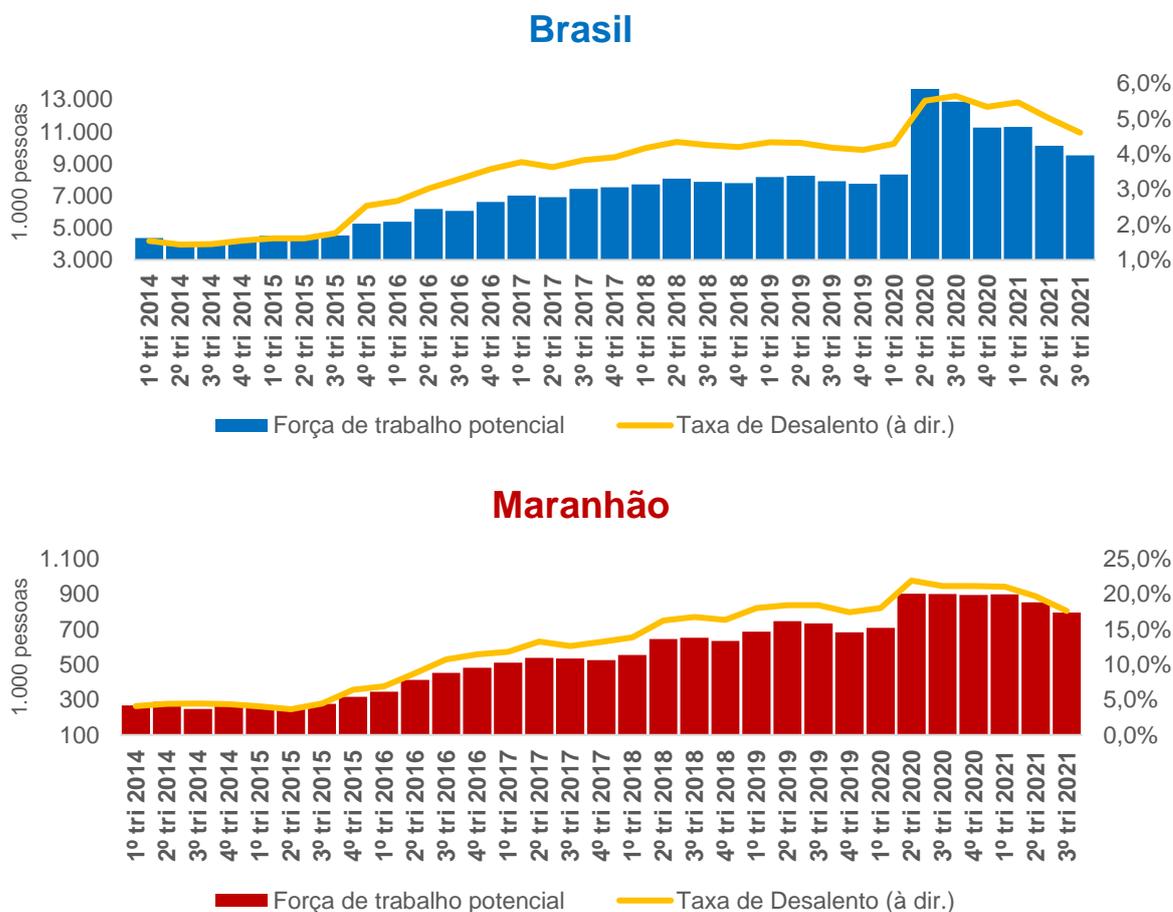
Gráfico 1. Brasil e Maranhão: Pessoas desocupadas (mil pessoas) e taxa de desocupação, por trimestres de 2019 a 2021



Fonte: Pnad Continua/IBGE(3ºTri/2021)

O principal efeito do momento mais grave da pandemia de SARS-CoV-2 sobre o mercado de trabalho se deu com a saída acentuada da força de trabalho daquelas pessoas que perderam a ocupação e se encontraram impossibilitadas de buscar oportunidades a curto prazo. Devido a aspectos metodológicos de definição, esse movimento não é exposto nas estatísticas de desocupação. Para quantificar o efeito, a PNAD Contínua estima o número de pessoas, que mesmo economicamente inativas, revelam interesse de trabalhar. Esse subgrupo faz parte da força de trabalho potencial. Ainda que a maioria esteja em situação de desalento, demonstra potencial para vir a buscar emprego e compor a força de trabalho de modo efetivo caso o quadro conjuntural depressivo da economia se reverta. De forma articulada aos desocupados e aos subocupados, as pessoas nessa condição são consideradas em subutilização de sua capacidade de trabalho, ou seja, representam o potencial laboral produtivo desperdiçado.

Gráfico 2. Brasil e Maranhão: Força de trabalho potencial (mil pessoas) e taxa de desalento, por trimestres de 2014 a 2021



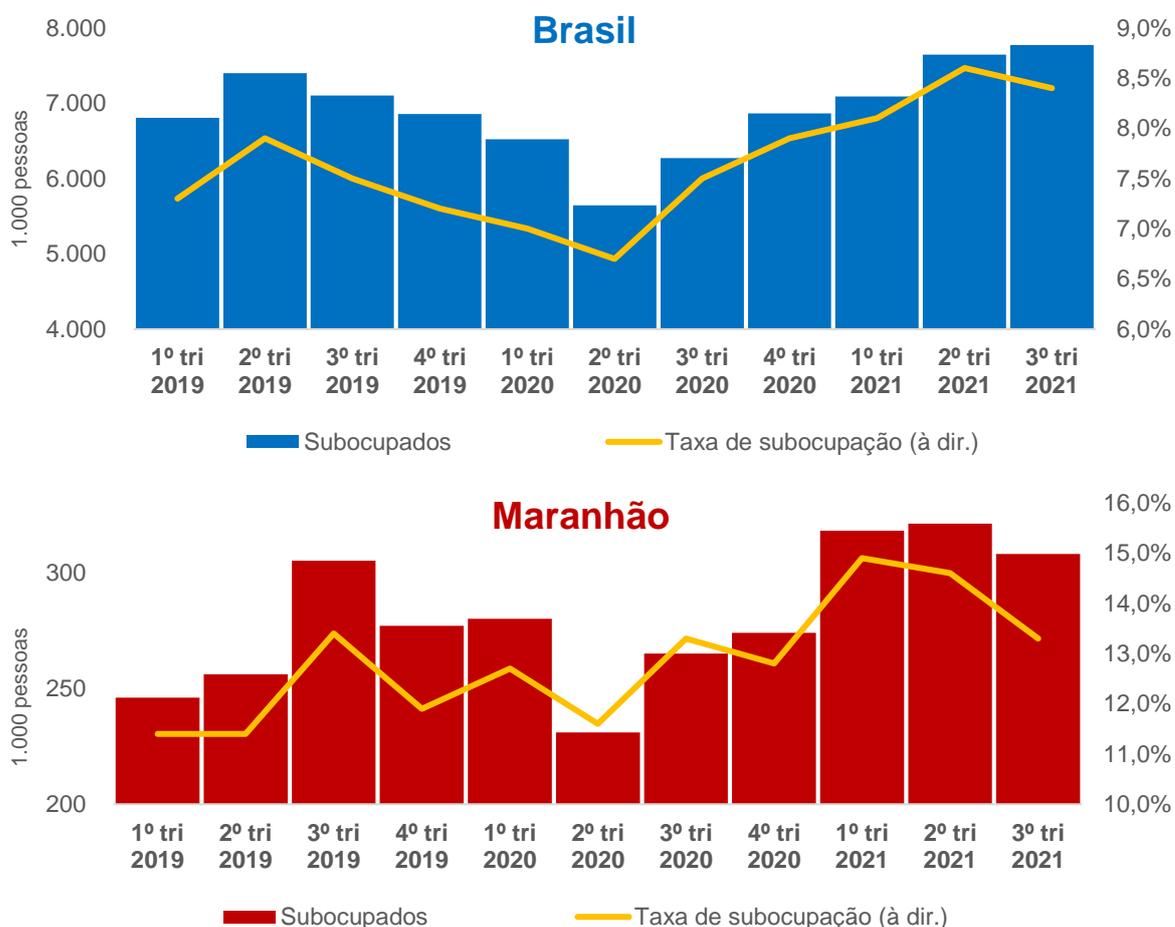
Fonte: Pnad Continua/IBGE(3ºTri/2021)

No cenário mais favorável da primeira metade da década de 2010, a força de trabalho potencial foi estimada em aproximadamente quatro milhões de pessoas no Brasil e 250 mil pessoas no Maranhão, para o ano de 2014 (**Gráfico 2**). No mesmo período, a taxa de desocupação média se encontrava no patamar de 6,9% em ambas as abrangências. Em consequência da recessão ocorrida em 2015 e 2016, da ténue retomada econômica no triênio seguinte e do advento da pandemia, o número de pessoas em condição de subutilização consideradas força de trabalho potencial apresentou tendência ascendente, saltando para 13,6 milhões no Brasil e 902 mil no Maranhão, no segundo trimestre de 2020, o momento mais grave da crise sanitária. Considerando os dados referentes ao terceiro trimestre de 2021, no país o contingente potencial recuou para 9,5 milhões de pessoas enquanto que no Maranhão se estabeleceu em 794 mil indivíduos, patamares bastante acima do registrado em 2014. Ainda pesa para o estado nordestino uma fatia de 17,6% de desalentados ante 4,4% em 2014. A existência de aproximadamente dez milhões de brasileiros que

manifestam necessidade de trabalhar – mas que não buscam efetivamente uma ocupação diante das condições econômicas no contexto sanitário, tendentes ao desalento – representa um expressivo custo social. Ao incorporar o número total de desocupados ao indicador de potencial da força de trabalho, lida-se com um grupo de 23 milhões de pessoas não ocupadas no Brasil que padecem da falta de renda do trabalho e de perspectiva de emprego no curto prazo.

Além dos grupos dos desocupados e da força de trabalho potencial, também é considerada como subutilização da capacidade de trabalho a circunstância em que pessoas ocupadas com jornada de trabalho habitual inferior a 40 horas semanais manifestam interesse em trabalhar mais horas. Assim, mesmo considerando as pessoas que trabalham, o potencial produtivo da força de trabalho não está sendo maximizado. Este último grupo abrange as pessoas subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas (**Gráfico 3**).

Gráfico 3. Brasil e Maranhão: Pessoas subocupadas (mil pessoas) e taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas, por trimestres de 2019 a 2021



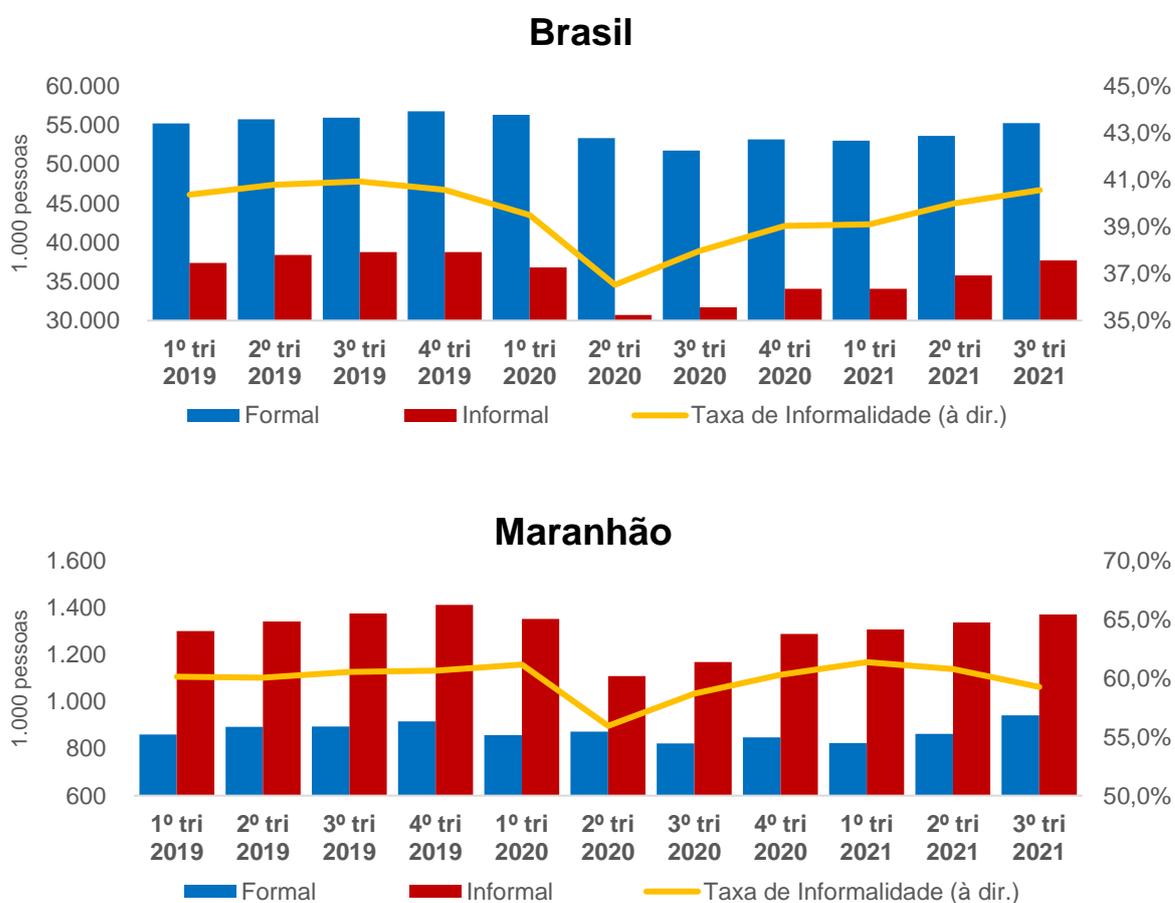
Fonte: Pnad Continua/IBGE(3ºTri/2021)

A taxa de subocupação no Maranhão alcançou 13,3% no terceiro trimestre de 2021, tratando-se da segunda queda consecutiva no ano, após o percentual ter chegado a 14,9% no primeiro trimestre. Isto é, no início do ano tinha-se aproximadamente 15% da força de trabalho ocupada em condições não satisfatórias em termos de jornada e renda do trabalho. Apesar do recuo da taxa nos últimos meses, em todo o Brasil, são mais de 7,7 milhões de pessoas que trabalham menos horas do que gostariam. Desse total, mais de 308 mil trabalhadores estão situados no Maranhão.

Uma vez que a necessidade de jornadas complementares reflete a insuficiência de renda, o estoque elevado de subocupados explicita o alto grau de precarização do mercado de trabalho, conforme apresentado no .

Gráfico 4, abaixo.

Gráfico 4. Brasil e Maranhão: Ocupação formal e informal (mil pessoas) e taxa de informalidade, por trimestres de 2019 a 2021



Fonte: Pnad Continua/IBGE(3ºTri/2021)

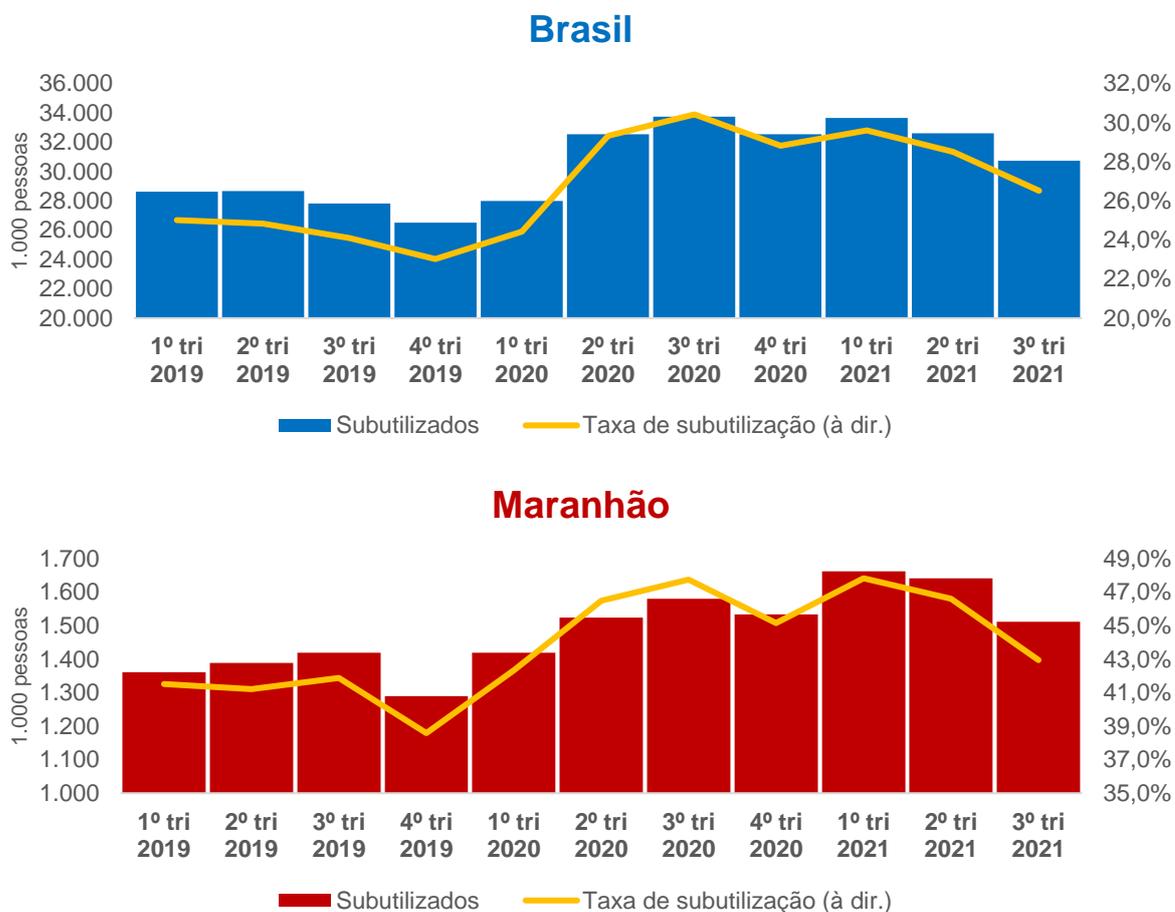
Diante da dinâmica da ocupação de postos formais e informais entre 2019 e 2021, observa-se em ambas as abrangências territoriais que os mais afetados pela pandemia em um primeiro momento foram os trabalhadores informais. Na passagem do primeiro para o segundo trimestre de 2020, o estoque de trabalhadores informais no Brasil recuou 16,4%, enquanto que no estado a involução foi de 18,7%, implicando em taxas de informalidade em patamares reduzidos. Esse movimento expôs a vulnerabilidade da categoria.

A partir do terceiro trimestre de 2020, com a abertura das atividades, há a retomada de postos com menor proteção social. A informalidade foi responsável por 62% das vagas abertas no último ano no Maranhão, abrangendo 59,3% do contingente ocupacional no terceiro trimestre de 2021, superior à registrada em âmbito nacional (40,6%). Em termos absolutos temos 37,7 milhões de brasileiros em ocupações sem carteira ou autônomos sem CNPJ, dos quais 1,3 milhão no estado do Maranhão.

Ao agrupar os três contingentes da subutilização da força de trabalho (desocupados, força de trabalho potencial e subocupados) tem-se o indicador de taxa composta de subutilização. No terceiro trimestre de 2020, os indicadores de subutilização atingiram seu ápice diante da pandemia. Havia 33,7 milhões de pessoas em condições de subutilização da força de trabalho no país, o que correspondia a uma taxa de subutilização de 30,4% da força de trabalho ampliada. No Maranhão, a maior alta do contingente subutilizado ocorreu no primeiro trimestre de 2021, quando tínhamos 1,6 milhão de pessoas nessa condição, refletindo uma taxa de 47,8%. Em outros termos, quase um terço dos brasileiros e aproximadamente metade dos maranhenses com disposição efetiva ou potencial para o trabalho se encontravam subocupados ou não ocupados.

Com a melhora recente do contexto sanitário, a taxa de subutilização apresentou um recuo tendencial. Conforme aponta o **Gráfico 5**, no terceiro trimestre de 2021, a relação estava em 26,5% no Brasil e 42,9% considerando apenas o estado do Maranhão, correspondendo a um contingente significativo de 30,7 milhões de pessoas no primeiro e 1,5 milhão no segundo.

Gráfico 5. Brasil e Maranhão: Pessoas subutilizadas (mil pessoas) e taxa de subutilização, por trimestres de 2019 a 2021



Fonte: Pnad Continua/IBGE(3ºTri/2021)

Em suma, o aumento da subutilização da força de trabalho ao longo da conjuntura da pandemia acentuou a deterioração do mercado de trabalho brasileiro, que passava por fase de retomada lenta e gradual após a recessão entre 2015 e 2016. Na fase mais crítica da pandemia, uma parcela expressiva da população ficou sem emprego, e se encontrou desalentada diante da perspectiva de uma ocupação. Recentemente, com o avanço da vacinação, houve a flexibilização no distanciamento social, e, conseqüentemente, maior dinamismo da atividade econômica. O que se aponta paralelamente à nova conjuntura, contudo, é a precariedade dos empregos gerados e o ritmo lento da retomada da ocupação, o que mantém o patamar dos indicadores de subutilização da força de trabalho ainda distantes das condições vigentes antes da crise sanitária.

Referências

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Medidas de subutilização da força de trabalho no Brasil**: 2o trimestre 2020. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. (Divulgação especial PNAD Contínua). Disponível em <https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_d_e_Domicilios_continua/Trimestral/Novos_Indicadores_Sobre_a_Forca_de_Trabalho/>. Acessado em dezembro de 2021.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)**. Rio de Janeiro. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br>>. Acessado em dezembro de 2021.

_____. **Sistema IBGE de recuperação automática**. Rio de Janeiro. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br>>. Acessado em dezembro de 2021.

Elaboração

Me. Raphael Bruno Bezerra Silva - *Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico – UFMA*

Cléa Nathanny Fonseca dos Santos - *Graduada em Ciências Econômicas - UFMA*